



GT – 12: Metodologia de pesquisa em estudos urbanos

A PESQUISA COM ENTREGADORES DE APLICATIVO

Um desafio de método

Lucas Andrade Alves de Lima
Universidade de São Paulo
lucasaalima@usp.br

RESUMO: Atualmente, a plataformização do trabalho é um fato em grande parte das cidades brasileiras e, conseqüentemente, vem sendo investigada sob diferentes escopos das ciências humanas, o que evidencia a necessidade de uma reflexão metodológica sobre os estudos a respeito da plataformização do trabalho na geografia. Assim, o objetivo do presente artigo é apresentar algumas reflexões metodológicas acerca da pesquisa de campo envolvendo entregadores de aplicativo na cidade de São Paulo, evidenciando a importância da complementaridade entre diferentes metodologias.

Palavras-chave: Plataformização do trabalho; Uberização; Método.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos anos, diversos estudos têm sido realizados a respeito da plataformização do trabalho (Abílio, 2017; Antunes, 2020; Rizek, 2023; Tozi, 2021), principalmente no âmbito das plataformas de entrega de alimentos, como iFood e Rappi. Estes trazem qualificadas análises a respeito desta nova forma de organização laboral por meio de plataformas digitais, baseadas na dissolução do contrato de trabalho e na explosão das jornadas (Rizek, 2023). Porém, faz-se necessário, junto com a conceituação dessa nova forma de trabalho que se manifesta predominantemente no urbano, utilizar o método de forma que seja capaz de apreender as especificidades que caracterizam esse novo modo de engajamento laboral. Assim, o objetivo do presente artigo é apresentar reflexões metodológicas acerca da pesquisa de campo envolvendo entregadores de aplicativo na cidade de São Paulo, reforçando a importância da utilização de diferentes instrumentos metodológicos, para que seja possível vincular a teoria à essa nova forma de trabalho extremamente atual, flexível e incerta.

Os procedimentos metodológicos foram operacionalizados em campos realizados de 2021 a 2023, sob o escopo do projeto “Zonas cinzentas e território: transformações do trabalho e das condições de vida urbana dos trabalhadores de plataforma: contrapontos e aproximações” (PIPAE/CNPq) e contaram com 210 entrevistas ao todo realizadas pelo grupo de pesquisa, com o objetivo de compreender sobre a condição de trabalho desses entregadores. As entrevistas foram realizadas integralmente na cidade de São Paulo em pontos específicos de grande concentração de entregadores, como as bases iFood Pedal (Lima, 2022), que eram pontos de aluguel de bicicletas elétricas para entregadores e nos pontos de pouso (Fioravanti, 2022), locais onde os entregadores se reúnem enquanto estão sem entregas.

Assim, busca-se apresentar os principais desafios metodológicos e procedimentais enfrentados nas pesquisas sobre entregadores de aplicativo, tendo em vista a perversidade dessa nova forma de engajamento laboral, que se realiza apenas em movimento e abrange uma diversidade muito grande de indivíduos. Destaca-se que a reflexão aqui presente é de cunho individual, ou seja, reflete as impressões de um pesquisador da geografia que compôs o grupo de pesquisa com sociólogos, arquitetos e geógrafos e que desenvolveu sua pesquisa, a ser apresentada na terceira seção, paralelamente ao que era trabalhado com o grupo.

Nesse contexto, como apontam Sposito e Catalão (2024), existem diversos desafios ao realizar pesquisas utilizando métodos qualitativos, isso se dá, principalmente, porque os dados não estão na realidade prontos para serem coletados, mas precisam ser extraídos de alguma forma, no caso a ser apresentado, principalmente através das falas dos entrevistados. Assim, a metodologia precisa ser capaz de oferecer instrumentos para apreender as múltiplas espacialidades e temporalidades abordadas (Sposito & Catalão, 2024). Dessa forma, as entrevistas foram o principal instrumento metodológico utilizado, com objetivo de dar voz aos entregadores, buscando uma aproximação do seu cotidiano (Lefebvre, 1994), porém sem desconsiderar as corporeidades presentes (Ramos & Milano, 2022).

Desse modo, entende-se a partir de Sposito (2018) que:

A articulação entre método e metodologia é indiscutível, ainda que seja importante fazer a distinção entre esses dois planos. O primeiro está afeito aos fundamentos que orientam a elaboração do pensamento, no que concerne tanto à eleição dos instrumentos de condução de pesquisa como às ferramentas conceituais que orientam a reflexão. O segundo é muito mais restrito às ações que conduzem a investigação. Assim, o método orienta a metodologia e possibilita a ligação dela à teoria. (Sposito, 2018, p. 17)

Partindo dessa compreensão, diversos desafios metodológicos foram surgindo, um deles, presentes nas pesquisas envolvendo entregadores de aplicativos, é o fato que houve, pelo menos de início, uma predominância desses estudos a partir da sociologia, como Abílio (2017; 2019; 2021; 2022; 2024) e Antunes (2018; 2020). Estas fornecem, inegavelmente, qualificadas análises sobre o mundo do trabalho, porém, para serem incorporadas pela geografia carecem de considerações epistemológicas prévias, principalmente para não apenas localizar o fenômeno e sim entender a condição espacial da problemática.

Assim, para elucidar as questões apresentadas, busca-se na primeira seção enunciar a compreensão de plataformização a ser utilizada e, também, evidenciar as imbricações entre trabalho plataformizado e o urbano. Já na segunda seção, expõe-se a constante instabilidade inerente ao trabalho plataformizado como um desafio ao método e à metodologia. Desafio este, que na terceira seção, são apresentadas possibilidades de desenlace a partir do diálogo entre as conclusões da pesquisa individual do autor e o Dossiê das Violações dos Direitos Humanos no Trabalho Uberizado (Abílio & Santiago, 2024), buscando evidenciar a importância da utilização de diferentes abordagens metodológicas.

2. ENTRE A PLATAFORMIZAÇÃO E O TRABALHO, HÁ O URBANO

Inicialmente, entende-se que “o trabalho de campo, para não ser somente um empirismo, deve articular-se à formação teórica que é, ela também, indispensável” (Lacoste, 2006, p. 91), assim, compreende-se a plataformização como um novo estágio de exploração laboral no qual os trabalhadores são gerenciados e organizados por meio de plataformas digitais que estabelecem, baseados em algoritmos, quando e onde uma tarefa deve ser realizada e quanto o trabalhador receberá por ela (Abílio, 2021). As empresas que operam a plataformização são nomeadas como empresas-aplicativo (Abílio, 2022), responsáveis por gerir o trabalho mediante um aplicativo de celular, como nos casos do iFood e Rappi, no ramo de entrega de alimentos, que compõem o objeto de estudo.

Essas empresas-aplicativo, mesmo que por meios digitais, mostram-se capazes de tornar as relações de trabalho cada vez mais individualizadas (Antunes, 2022), aprofundando a concorrência entre os indivíduos (Abílio, 2022), sob baixas remunerações (Tozi, 2021), promovendo a explosão da jornada de trabalho (Rizek, 2022), com a integral transferência de custos ao trabalhador e sem as garantias de demanda de trabalho. Dessa forma, o trabalhador se transforma em *just in time* (Abílio, 2017), afinal é remunerado apenas enquanto realiza as entregas e não pelo tempo de espera, mesmo que este seja necessário à realização do trabalho, reduzindo, portanto, os trabalhadores à exata medida da sua força de trabalho e alterando profundamente a sua relação com a cidade e o urbano.

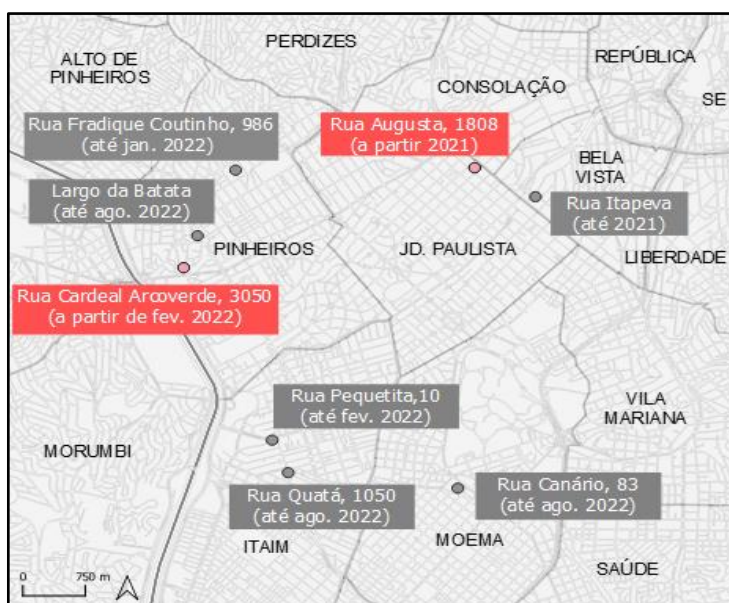
Nesse sentido, entende-se como central a compreensão de que há materialidade na relação entre plataformização do trabalho e a cidade, de forma que evidenciam-se relações sociais produtoras de lugares, que revelam a dimensão da produção e reprodução do espaço, não apenas como uma produção material do mundo, mas também como uma questão social capaz de extrapolar a esfera do trabalho (Carlos, 1982), de forma que esses indivíduos devem ser interpretados não só como força de trabalho, mas essencialmente, como sujeitos da produção do espaço. Portanto, entende-se que atualmente a plataformização do trabalho se efetiva na cidade e no urbano, de modo que qualquer abordagem metodológica a ser utilizada precisa considerar essa característica das plataformas.

3. A PERMANÊNCIA DA INSTABILIDADE

O trabalho gerido por plataformas digitais é um trabalho permanentemente instável em todos os seus aspectos, desde a ausência total de garantias de remunerações aos entregadores até a mudança constante das formas de organização do trabalho. A seguir, utiliza-se o exemplo das entrevistas realizadas nos pontos de aluguel de bicicletas iFood Pedal em São Paulo, promovidos pela empresa-aplicativo iFood, para evidenciar a permanência da instabilidade como um grande desafio ao método.

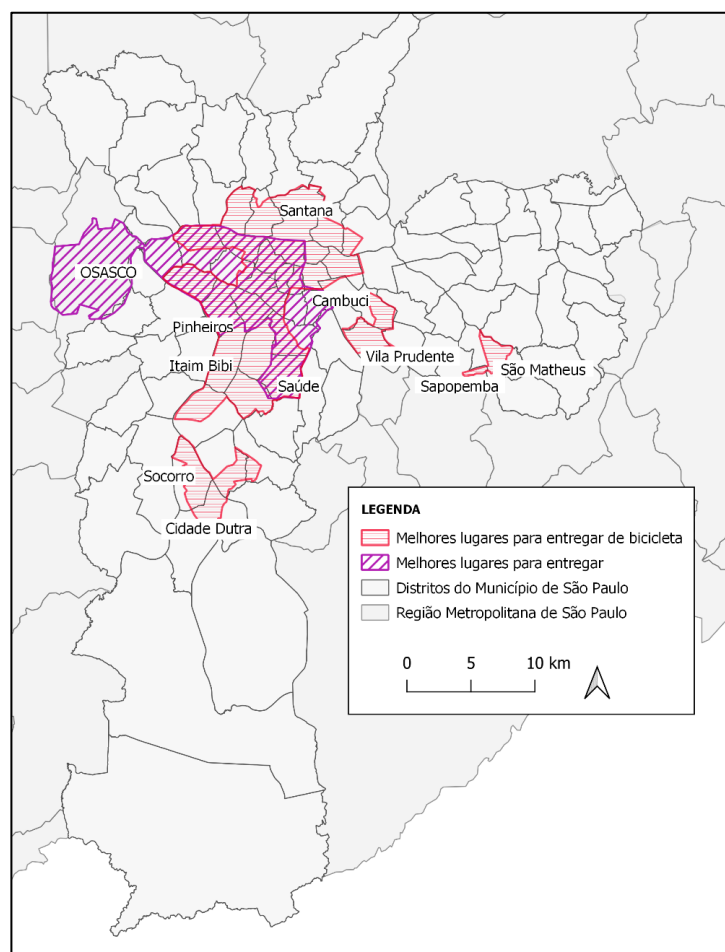
Inicialmente, as primeiras idas à campo foram em pontos de grande concentração de entregadores, principalmente nos pontos chamados de iFood Pedal, que eram bases do iFood, administradas pela empresa Tem Bici, que realizavam aluguel de bicicletas elétricas para entregadores (Lima, 2022). Foram oito bases visitadas a partir de 2021, localizadas como indica o mapa 1 e que, frequentemente, eram desativadas ou realocadas, como também pode ser observado no mapa. A localização desses pontos foi estabelecida pelo iFood em vista da intensa demanda de entregas nas proximidades, como indicado pelo mapa 2, porém sem a divulgação precisa dos critérios. Destaca-se que após 2023 todas as bases foram fechadas.

Mapa 1 - Mapa das bases do iFood Pedal desativadas e ativas, 2023



Fonte: Fioravanti, Rangel & Rizek, 2023

Mapa 2 - Melhores regiões para entrega, segundo o iFood, 2022



Fonte: Fioravanti, Rangel & Rizek, 2023

A retirada das bicicletas alugadas pelos entregadores era dividida em dois turnos para abranger os horários de maior demanda, sendo um às 10h, para o almoço, e outro às 18h, para a janta. Porém, tendo em vista a alta demanda de entregadores buscando seu principal meio de trabalho que eram as bicicletas, as filas se iniciavam a partir das 08 horas da manhã, portanto, até quatro horas antes do início da distribuição.

Assim, as primeiras abordagens foram realizadas nas filas dos pontos iFood Pedal, por meio de entrevistas semi-estruturadas, com perguntas iniciais que atendiam as demandas de pesquisa do grupo como um todo e iniciavam o contato com os entrevistados, baseados nos pontos listados a seguir. As perguntas referentes à pesquisa individual do autor serão detalhadas na seção seguinte, nos pontos 6 a 9.

1. Primeiro nome e idade: propostos, inicialmente, a fim de identificação dos entrevistados, mas sob a garantia do anonimato;
2. Bairro e cidade de moradia: buscava descobrir quais deslocamentos eram feitos por esses entregadores, indicando o modal utilizado, como trem, metrô, ônibus ou outra forma;
3. Categoria dentro do aplicativo - OL ou Nuvem: Existem duas formas de realizar entregas pelo iFood, sendo OL, sigla para Operador Logístico, quando o trabalhador é vinculado à uma empresa terceirizada e tem, segundo os entrevistados, um compromisso maior com a plataforma, mas com a promessa de maiores demandas, ou nuvem, entregador tratado como “vínculo menor” com a plataforma, supostamente sem exigência de carga horária. Destaca-se em campo que a realização dessa pergunta dava credibilidade aos entrevistadores, porque evidenciava aos entrevistados que haviam conhecimentos prévios referente aos aplicativos;
4. Aplicativos que trabalha: Observou-se em campo que é comum que os trabalhadores se engajem em diversos aplicativos ao mesmo tempo, a fim de buscar garantias maiores de remuneração, os principais aplicativos citados foram iFood, Rappi, Glovo, Lalamove, Borzo e AppJusto;
5. Quanto tempo está no iFood e o que mudaria: Esse tópico, inegavelmente, era o maior promotor de debate, principalmente nas conversas realizadas em grupo. Evidenciava-se que os entregadores ao serem questionados o que gostariam que melhorasse frequentemente davam respostas longas, elaboradas e expunham uma série de vivências de seu cotidiano.

Porém, como pode ser observado no mapa 1, as bases iFood Pedal eram extremamente voláteis, tanto que todas eram construídas em terrenos alugados, como estacionamentos, espaços públicos, como calçadas, praças e até mesmo em caminhonetes carregadas de bicicletas que eram estacionadas na rua. É justamente nessa instabilidade que reside um desafio importante: a descrição sobre as formas do trabalho dos entregadores é essencial, mas não é suficiente sozinha, porém, estas se alteram num ritmo muito intenso que, em certo ponto, se distancia do tempo de produção científica, afinal o trabalho desses entregadores possui

especificidades que precisam ser desvendadas e enunciadas, porém, sob o desafio dessa apresentação ser crítica e espacializada.

Outro desafio apresentado foi na abordagem inicial, como apontam Ramos e Milano (2022) ao apresentarem a importância de uma geografia que seja dos sujeitos e não do indivíduo, evidenciam a centralidade do corpo para a geografia, afinal as “corporeidades humanas não são uma externalidade em relação ao espaço, mas, na linha de pensamento lefebvriano, aquilo que também o constitui” (Ramos & Milano, 2022, p. 2), assim, a experiência no mundo é vivida enquanto corpo, tempo e espaço. Isso evidencia a importância de se considerar a corporeidade dos sujeitos que se entrevistam, mas também, evidenciar a relevância da corporeidade do pesquisador, fato que evidenciou-se em diversos momentos das entrevistas, mas, principalmente, nas abordagens iniciais.

Nesse contexto, o pesquisador não é uma figura neutra e isso pôde ser percebido quando os pesquisadores, ao chegarem nos grupos de entregadores, armados de planilhas e cadernos, frequentemente eram recebidos com a pergunta “Vocês não são do iFood não, né?”, essa pergunta, e a desconfiança, eram potencializados ainda mais quando um dos entrevistadores estava de vermelho, cor símbolo do iFood. Porém, com o desenvolvimento da conversa e o seguimento das perguntas a desconfiança tendia a desaparecer e, constantemente, foi possível observar que os entrevistados se sentiam confortáveis e seguros ao longo dos diálogos, ponto que justifica o fato das entrevistas geralmente se alongarem além dos itens da estrutura supramencionada.

O fato mais destacável das centenas de entrevistas realizadas ao longo de três anos é a grande receptividade desses trabalhadores, o trabalho por eles desenvolvido mostrou-se extremamente árduo: cicloentregadores chegam a pedalar mais de 80 km por dia e motoentregadores percorrem até 250 km diários. Porém, apesar da exigência física da função, a baixa remuneração, em torno de R\$ 6,00 por entrega, e das jornadas de trabalho diárias que ultrapassaram as 12 horas diárias de 6 a 7 vezes por semanas, os interlocutores em sua integralidade sempre se mostraram muito dispostos, interessados e engajados na participação da pesquisa.

3. A IMPORTÂNCIA DAS DIFERENTES ABORDAGENS METODOLÓGICAS

Os desafios metodológicos em pesquisas com entregadores de aplicativo, embora recentes, não são incontornáveis, de forma que esse desenlace pode ser uma das atividades latentes à geografia atualmente. Assim, busca-se estabelecer um diálogo entre o método e a metodologia utilizados pelo autor ao longo de um processo de pesquisa essencialmente qualitativo com o Dossiê das Violações dos Direitos Humanos no Trabalho Uberizado (2024), importante levantamento quantitativo coordenado por Ludmila Abílio e Silvia Santiago. Assim, evidencia-se que a pesquisa com entregadores de aplicativo deve unir diferentes concepções de método, a fim de valorizar a complementaridade entre as diferentes frentes metodológicas (Neto, Sposito, Magrini & Bernardes, 2022).

Primeiramente, as contribuições individuais do autor foram desenvolvidas a partir do projeto “Zonas cinzentas e território: transformações do trabalho e das condições de vida urbana dos trabalhadores de plataforma: contrapontos e aproximações¹” em campos feitos entre 2021 e 2023. Baseados nessas idas à campo, buscou-se trabalhar a hipótese de que os entregadores de aplicativo, ao serem inteiramente responsáveis pelos custos do próprio trabalho, só conseguiriam arcar com tais custos mediante o endividamento².

Nesse sentido, a pesquisa individual se baseou numa abordagem essencialmente qualitativa, como inicialmente apresentado na segunda seção (pontos 1 a 5), agora buscou-se definir como os entregadores estão endividados e o porquê desse endividamento, compreendendo essa dívida como um elemento de intensificação do trabalho capaz de alterar o seu cotidiano e, portanto, a sua relação com a cidade e o urbano. Dessa maneira, a sequência das entrevistas baseou-se nos seguintes pontos:

¹ Os principais resultados da pesquisa coletiva constam em: FIORAVANTI, L.; MARTINS, F.; RIZEK, C. Plataformas digitais e fluxos urbanos: dispersão e controle do trabalho precário. *Cadernos Metrópole*, v. 26, n. 59, 2024, e em RIZEK, C. S.; RANGEL, F.; FIORAVANTI, L. Trabalho, Subordinação e fluxos urbanos: Resultados de pesquisa. In: Livro do XVII Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2023.

² Os principais resultados da contribuição individual constam em: LIMA, L. iFood Pedal: o funcionamento e a localização das bases de empréstimos de bicicletas para os entregadores iFood em São Paulo. In: Encontro Nacional de Geógrafos, 2022, e em LIMA, L. Dívida e fragmentação da experiência urbana no cotidiano dos trabalhadores de empresas-aplicativo. *Geocrítica* 2024. No prelo.

6. Modal o qual realizava as entregas: Moto própria, moto alugada, bicicleta própria ou bicicleta alugada. Essa pergunta permitia uma visão inicial de se havia parte do salário do entregador comprometido com os custos do próprio trabalho, como aluguel de moto ou bicicleta ou financiamento de algum tipo;
7. Principal banco de uso pessoal: Visava iniciar a abordagem dos temas relacionados à dinheiro, assunto que poderia, potencialmente, gerar constrangimento aos entrevistados por se tratar de uma informação privada, porém, não foram observadas limitações ao tema durante as entrevistas;
8. Possui dívidas e de que tipo: Questionava se o entrevistado possuía alguma dívida e de que tipo seria, como cartão de crédito, cheque especial, contas de água ou luz e dívidas dentro do próprio aplicativo de entrega. Maioria dos entrevistados relataram ter dívidas de mais de um tipo;
9. Relação entre as dívidas e o trabalho em aplicativos: O último tópico a ser abordado perguntava se os entrevistados enxergavam alguma relação entre as dívidas que possuía e o trabalho plataformizado. Aqui as respostas caminharam em dois sentidos, primeiro alegando que estavam endividados e desempregados, por isso ingressaram nos aplicativos, segundo, que suas dívidas aumentaram com os aplicativos ao terem que arcar com os custos do próprio trabalho além do custo da sua própria reprodução biológica.

Em vista das respostas dos entrevistados e da revisão bibliográfica a respeito do endividamento³, pôde-se concluir que os entregadores, ao serem responsáveis integrais pelos custos do próprio trabalho, arcando com aluguel de moto, bicicleta, celular com bateria durável, internet, mochila térmica e outros itens necessários que não eram fornecidos pelos aplicativos, precisavam recorrer ao crédito e ao endividamento para que conseguissem arcar com os custos necessários ao trabalho e com a sua reprodução biológica e de sua família.

Nesse sentido, embora haja a possibilidade de compreender quantitativamente o endividamento, esta não foi a metodologia escolhida em vista da dificuldade de mensuração do processo de produção dessa dívida. Posto isso, busca-se estabelecer um diálogo com o Dossiê

³ Ver LIMA, L. Dívida e fragmentação da experiência urbana no cotidiano dos trabalhadores de empresas-aplicativo. Geocrítica, 2024. No prelo.

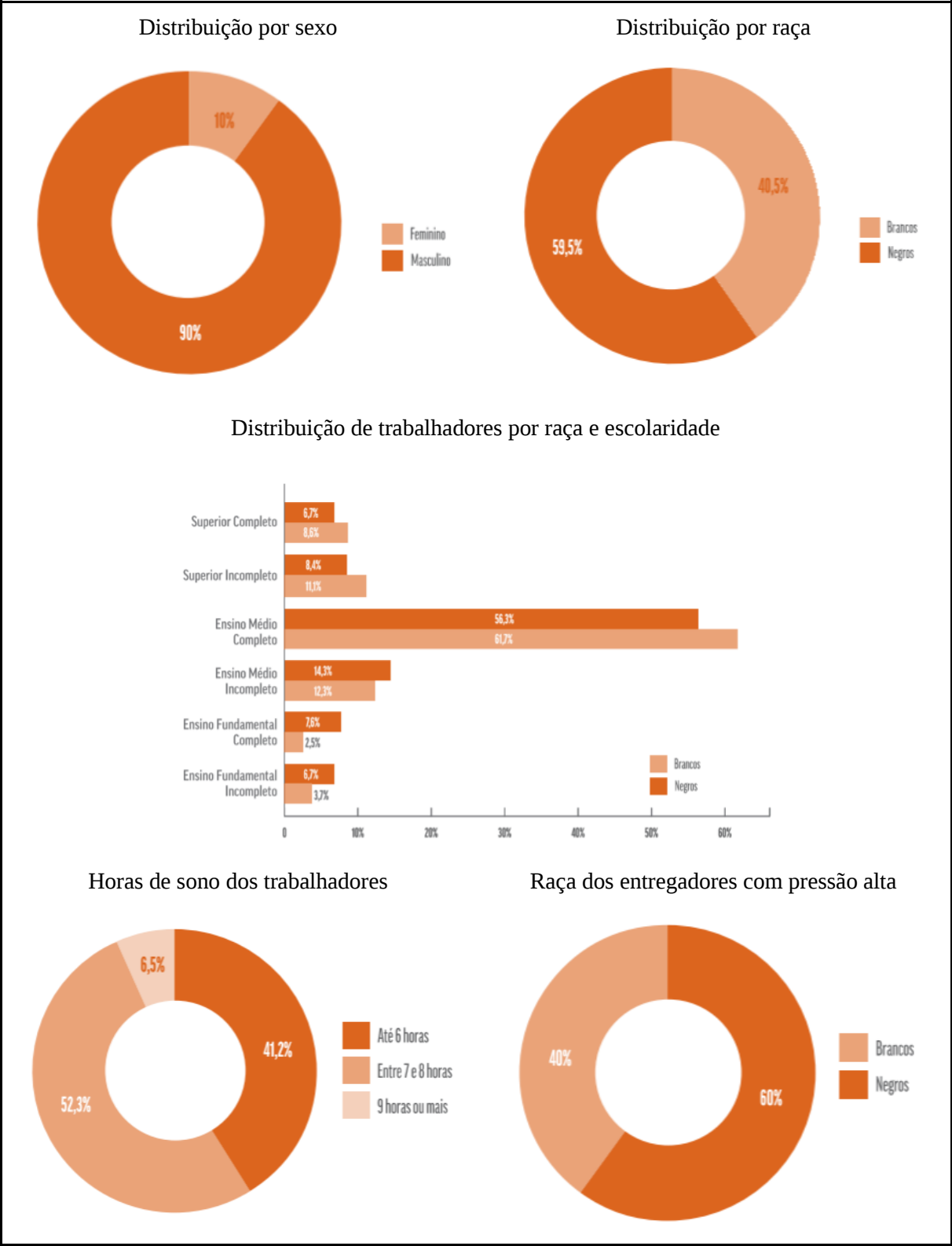
das Violações dos Direitos Humanos no Trabalho Uberizado (2024) que traz importantes conclusões a partir, essencialmente, de um levantamento quantitativo em relação ao trabalho plataformizado, evidenciando a importância e complementaridade entre as diferentes abordagens metodológicas. Destaca-se que o dossiê a ser debatido não foi desenvolvido pelo grupo de pesquisa que realizou os campos supramencionados e não teve a participação individual do autor, mas será debatido por se tratar de um levantamento essencial que articula em dados a análise dessa forma de engajamento laboral e suas violações aos direitos humanos.

A pesquisa a ser apresentada é o Dossiê das Violações dos Direitos Humanos no Trabalho Uberizado (2024), coordenado por Ludmila Abílio e Silvia Santiago em Campinas, estudo abrangente que entrevistou por meio da aplicação de formulários 200 motofretistas, a fim de investigar as condições de trabalho enfrentadas pelos trabalhadores de plataformas digitais. O documento detalha estatisticamente as diversas formas de exploração e precariedade laboral, incluindo jornadas extenuantes, baixa remuneração, ausência de proteção social e, principalmente, impactos negativos na saúde física e mental dos trabalhadores.

Dessa maneira, a pesquisa quantitativa foi conduzida para obter dados numéricos que pudessem quantificar as violações dos direitos humanos e as condições de trabalho no setor uberizado. Foram aplicados questionários estruturados a uma amostra representativa de trabalhadores, garantindo que as respostas pudessem ser analisadas estatisticamente. Essa abordagem permitiu identificar padrões e tendências (figura 1), como a grande maioria dos trabalhadores serem homens (90%), predominantemente negros (59,5%) e sem ensino superior completo (93,3% para brancos e 91,4% para negros). A frequência de jornadas extenuantes e impactos da plataformização no trabalho na saúde pôde ser observada com 41,2% dos entregadores afirmando que dormem menos de seis horas diárias e na constatação que 60% dos entregadores que sofrem de pressão alta são negros.

Destaca-se que o dossiê contém um maior repertório estatístico, porém, os dados apresentados abaixo foram selecionados para estabelecer uma relação com a pesquisa individual supramencionada desenvolvida pelo autor. Essa relação surge na complementaridade do método, ao evidenciar que a pesquisa sobre endividamento dos entregadores poderia incorporar parte do levantamento estatístico apresentado pelo dossiê, a fim de não apenas qualificar a dívida, mas quantificá-la em valores e sujeitos.

Figura 1 - Principais resultados estatísticos de pesquisa



Fonte: Abílio & Santiago, 2024

No que se refere à complementaridade entre as diferentes abordagens metodológicas o dossiê não elimina a abordagem qualitativa, fato evidente é a destacável produção acadêmica de Ludmila Abílio (2017; 2019; 2021; 2022). Nesse sentido, o debate teórico é usado com o objetivo de desmistificar as representações sobre o trabalho uberizado e abrir perspectivas concretas para a formulação de políticas públicas e estratégias de intervenção que visem melhorar as condições de trabalho e garantir os direitos fundamentais dos trabalhadores de plataformas digitais.

Sendo assim, a pesquisa sobre as violações dos direitos humanos no trabalho uberizado revelou conclusões importantes sobre a exploração do trabalho. Os trabalhadores de plataformas digitais enfrentam jornadas extenuantes que frequentemente ultrapassam 12 horas diárias, necessárias para alcançar uma remuneração mínima, de acordo com os trabalhadores. Isso destaca a exploração exacerbada da força de trabalho, indicando uma situação de severa exploração laboral.

Uma conclusão central das autoras, que se relaciona com a pesquisa sobre endividamento, é que a remuneração líquida dos trabalhadores, após a dedução dos custos de trabalho, é insuficiente para garantir uma subsistência digna. Além disso, a variabilidade da remuneração de um mês para outro, afinal não existe garantia de entregas, contribui para a instabilidade financeira e consequentemente para o endividamento

Essa instabilidade é um reflexo da precariedade do modelo de trabalho adotado pelas plataformas digitais. A falta de acesso a benefícios sociais, como seguro-desemprego, licença médica remunerada e contribuição previdenciária, agrava a vulnerabilidade dos trabalhadores. O dossiê conclui que essa ausência de proteção social e baixos salários têm impacto significativo nas condições de trabalho, na saúde física e mental dos trabalhadores. A pesquisa revelou um alto índice de problemas de saúde, incluindo dores constantes devido às longas horas de trabalho e aumento de estresse causado pela insegurança financeira e, pode-se afirmar, também pelo endividamento. Essas condições adversas têm um impacto negativo na saúde e no bem-estar dos trabalhadores, de modo que as longas jornadas de trabalho também impactam negativamente a vida pessoal e familiar dos trabalhadores. As conclusões apontam para a

urgência de criar um ambiente de trabalho salubre, com garantias de remuneração, onde os direitos fundamentais dos trabalhadores sejam promovidos e respeitados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa com entregadores de aplicativo e a análise das condições do trabalho plataformizado revelou a complexidade e profundidade das questões enfrentadas nesta nova forma de engajamento laboral cada vez mais precária e sem garantias. Para captar essa realidade multifacetada, a utilização de diferentes métodos, de natureza qualitativa e quantitativa mostrou-se não apenas benéfica, mas essencial. A abordagem qualitativa, como apresentada na pesquisa sobre endividamento, permitiu uma compreensão profunda das experiências individuais dos trabalhadores, fornecendo qualificadas análises do seu cotidiano. As entrevistas semiestruturadas, por exemplo, possibilitaram explorar nuances e sentimentos relacionados ao trabalho que dificilmente seriam capturados por métodos quantitativos, enriquecendo a análise com perspectivas espaciais, essenciais à geografia.

Por outro lado, os métodos quantitativos, como apresentado no dossiê, foram cruciais para quantificar as condições de trabalho e fornecer uma visão abrangente das tendências e padrões que emergem nesse contexto. A aplicação de questionários estruturados permitiu a coleta de dados numéricos significativos, como a frequência de jornadas extenuantes, níveis de remuneração e falta de proteção social. Esses dados não apenas respaldam as observações qualitativas, mas também fornecem uma base sólida para a validação estatística das hipóteses e a identificação de correlações importantes.

A triangulação de dados qualitativos e quantitativos, mesmo que desafiadora, sobretudo em pesquisas individuais, é, portanto, fundamental para uma análise robusta e abrangente do trabalho plataformizado. Enquanto os métodos qualitativos revelam o cotidiano dos trabalhadores e sua relação com a cidade, os métodos quantitativos fornecem a escala e a objetividade necessárias para generalizar os achados em campo. Assim, a utilização de métodos qualitativos e quantitativos se mostrou imprescindível para desmistificar as representações que permeiam a vida cotidiana dos trabalhadores uberizados e permitir a abertura de possibilidades de transformação dessa realidade.

Por fim, reitera-se que o pesquisador não é neutro, sua corporalidade se faz presente (Ramos & Milano, 2022) e, inegavelmente, há angústia em investigar um processo tão intenso de precarização do trabalho que vitimiza tantos trabalhadores diariamente, como pode ser observado nos dados supracitados. Nesse sentido, baseia-se na ideia que

O trabalho intelectual, preocupado com a explicação/interpretação do mundo não produz sua transformação, mas é um passo importante na desmistificação das representações que permeiam a vida cotidiana e abrem perspectivas reais e concretas para se pensar nos caminhos de transformação da realidade. (Carlos, 1998, p. 34)

Assim, o trabalho intelectual de pesquisa, como os apresentados, não transformam a realidade por si só, mas podem funcionar, enquanto ferramenta de análise e interpretação, orientados pelo método, para a abertura de perspectivas que sejam reais e concretas para a transformação da realidade, no caso estudado, da, cada vez mais intensa, exploração do trabalho.

5. REFERÊNCIAS

ABILIO, Ludmila C. Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. In: Psicoperspectivas, v. 18, n. 3. Valparaíso, 2019.

ABILIO, Ludmila C. Uberização do trabalho: subsunção real da viração. Blog da Boitempo, 2017. Disponível em blogdaboitempo.com.br/2017/02/22/uberizacao-do-trabalho-subsuncao-real-da-viracao/. Acesso em: 25 fev. 2024.

ABILIO, Ludmila C. AMORIM, Henrique. GROHMANN, Rafael. Uberização e plataformização do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. In: Sociologias, Porto Alegre, n. 57, 2021.

ABILIO, Ludmila. C. Perfis e Trajetórias Ocupacionais. In: MACHADO, S.; ZANONI, A. P. O trabalho controlado por plataformas digitais no Brasil: dimensões, perfis e direitos. UFPR - Clínica Direito do Trabalho: Curitiba, 2022.

ABILIO, Ludmila; SANTIAGO, Silvia. Dossiê das violações dos direitos humanos no trabalho uberizado: o caso dos motofretistas da cidade de Campinas. Campinas, Diretoria Executiva de Direitos Humanos, Unicamp, 2024.

ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo (org.). Uberização, trabalho digital e indústria 4.0. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

CARLOS, A.F.A. A cidade e a organização do espaço. Revista do Departamento de Geografia (USP), São Paulo, p. 105-111, 1982.

CARLOS, A.F.A. A reprodução da cidade como “negócio”. In: CARLOS, A. e CARRERAS, C. (Orgs.). Urbanização e Mundialização: estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto, 2005.

CARLOS, A.F.A. A condição espacial. 1ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

FIORAVANTI, Livia. Espaço urbano e plataformas digitais: deslocamentos e condições de trabalho dos entregadores de bicicleta da metrópole de São Paulo. GEOUSP. 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/201427>. Acesso em: 10 jun. 2024.

FIORAVANTI, Livia; MARTINS, Felipe R.; RIZEK, Cibele. Plataformas digitais e fluxos urbanos: dispersão e controle do trabalho precário. Cadernos Metrópole, v. 26, n. 59, 2024, pp. 69-96. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/TSqKFZwBjztDZ3gVfnydgGL/?format=pdf&lang=pt>

KAISER, B. O geógrafo e a pesquisa de campo. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 84, pp. 93-104, 2006.

LACOSTE, Y. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, n. 84, pp. 77-92, 2006.

LEFEBVRE, Henri. A vida cotidiana no mundo moderno. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LIMA, Lucas. Ifood Pedal: o funcionamento e a localização das bases de empréstimos de bicicletas para os entregadores Ifood em São Paulo. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS. Anais, 2022. Disponível em: <https://www.eng2022.agb.org.br/site/anais?AREA=6#L>. Acesso em: 04 maio 2024.

TOZI, Fábio; DUARTE, Leandro Ribeiro; CASTANHEIRA, Gabriel Rocha. Trabalho precário, espaço precário: as plataformas digitais de transporte e os circuitos da economia urbana no Brasil. Ar@cne.

Revista Electrónica de Recursos de Internet sobre Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2021.

RIZEK, C. S; RANGEL, F.; FIORAVANTI, L.M. (2023) Trabalho, Subordinação e fluxos urbanos: Resultados de pesquisa. In: Livro do XVII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. No prelo.

SPOSITO, M. E. B. Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos - FragUrb. 78 fl. Projeto Temático Fapesp, 2018.

SPOSITO, Maria Encarnação e CATALÃO, Igor (2024). Da metodologia de pesquisa à análise do processo de fragmentação socioespacial em cidades brasileiras. Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social - ReLMIS. Nº27, Año 14, pp. 35-54.

GÓES, Eda M.; MELAZZO, Everaldo (orgs.). Metodologia de pesquisa em estudos urbanos: Procedimentos, instrumentos e operacionalização, Rio de Janeiro, 2022.

Ramos, É., & Milani, P. H. (2022). O CORPO FORA DE LUGAR: DE UMA GEOGRAFIA DOS INDIVÍDUOS PARA UMA GEOGRAFIA DOS SUJEITOS. GEOgraphia, 24(52). <https://doi.org/10.22409/geographia2022.v24i52.a51617>